

SINOPSE DOS TEMAS OFERECIDOS PELO DIRETOR
DOM JOSÉ VILAPLANA, BISPO EMÉRITO DE HUELVA
RETIRO DA FRATERNIDADE DA ESPANHA, AGOSTO DE 2023

Os temas oferecidos e apresentados por Dom Vilaplana, como é habitual, serão oportunamente publicados no Boletim da Associação C. Jesus Caritas de Espanha e, também oportunamente, serão colocados à disposição dos interessados no site da referida Associação que reúne as diversas fraternidades sediadas em Espanha.

Domingo, dia 20. Boas vindas e informações diversas

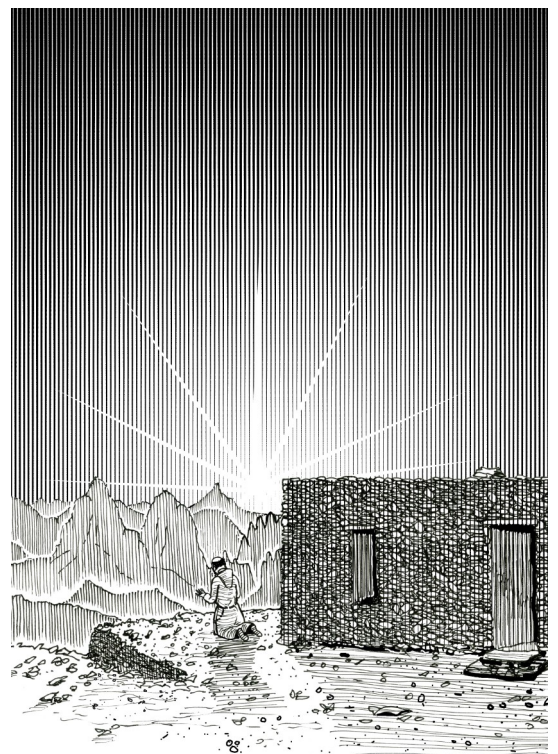
O retiro começou na mesma noite de domingo, 20 de agosto, após o jantar onde o diretor centrou seus pontos de meditação na pergunta: O que queres de mim, meu Deus, neste momento da minha vida? Pergunta que se refere ao texto bíblico de Gênesis 3,9: «O Senhor Deus chamou-o e disse-lhe: “Onde estás?” convidar os presentes a contemplar o mistério de joelhos, como nos aconselha o Irmão Charles de Foucauld, sem “pedir lições”, abertos ao canal da misericórdia divina, tendo em conta que “o discípulo não é um estudante, mas o discipulado faz relação seguir o Mestre.

Primeiro dia, segunda-feira, dia 21

Todos os dias, após as laudes, o diretor com grande sucesso definia com uma frase evangélica a chave do trabalho pessoal do dia. Assim, para o primeiro dia propôs a frase: “O reino de Deus está próximo...” Mc 1/15. Acrescentando ao texto um trecho dos escritos do Irmão Carlos onde diz: “É preciso passar pelo deserto e permanecer nele para receber a graça de Deus: é no deserto onde se esvazia e se desapega de tudo o que não é Deus.” , e onde a casinha da nossa alma é completamente esvaziada para deixar todo o espaço só para Deus.

A primeira palestra foi dedicada à conversão que foge do mundanismo e que ocupa toda a nossa vida. Numa citação bem citada do Cardeal Lustiger, quando questionado sobre os planos e atividades da diocese de Paris, a sua resposta foi “o objetivo pastoral prioritário é a minha própria conversão”. A conversão, então, como um processo inacabado, em alusão ao livro de Margarita Saldaña, Carlos de Foucauld, o irmão inacabado. Também precioso é o apelo à ternura do coração, referindo-se à citação de M. Ghandi que deu o exemplo das pedras dos rios que são constantemente banhadas pela água, mas quando abertas têm o coração seco. Devemos pedir a Deus a graça de um coração misericordioso e bom.

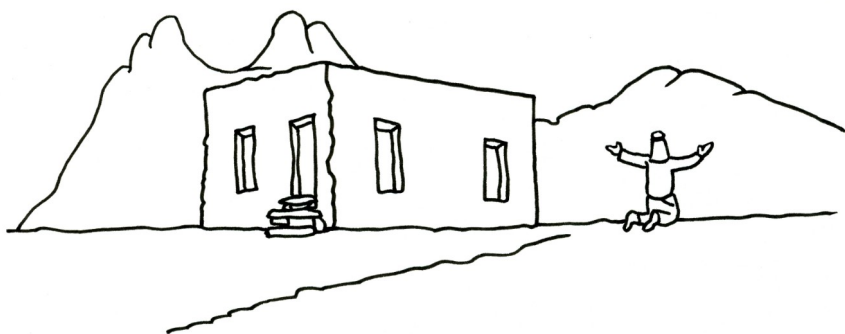
À tarde a meditação foi uma extensão do tema da conversão para agradecer pelas pessoas e situações nas quais encontramos Deus. No caso de Charles de Foucauld, sua prima Sra. de Bondy, o desejo de encontrar a verdade e sua firme intenção de estudar religião, Padre Huvelin,... É preciso saber escolher rompendo os laços como São João de a Cruz escreveu: “Um passarinho não voa com correntes ou fios de seda” daí o convite a



contemplar como Deus operou em nossos corações e, no entanto, nosso julgamento severo sobre os outros (cf. passagem de Davi e Natã 2 Sam 12) e o nosso descaso na vida espiritual que gera difamação a nível humano. Nesta última indicação o realizador citou D. Bonhoeffer, prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz, e o seu plano incluído no seu livro Resistência e Submissão onde fala do início do fim vendo a situação dos prisioneiros que, uma vez toda a esperança foi perdido, caiu nos maiores abandonos e degradações. Diante de tais situações que denigrem a dignidade humana, devemos pedir ao Senhor um coração novo (Sl 50) e aceitar a disciplina do que é essencial para nunca perder o sentido da vida.

Segundo dia, terça-feira, dia 22

No segundo dia a frase proposta como fio condutor das meditações foi: “Agradeço-te, Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e as revelaste aos simples” São Mateus (11,25-27)



A meditação matinal girou em torno de Deus Pai com uma curiosa observação preliminar extraída da reflexão do Padre Y. Congar. Na língua hebraica não existem verbos acreditar ou obedecer. Quando dizemos que acreditamos

estamos nos referindo a apoiar-nos em Deus, a dizer que Deus é o nosso alicerce, que o Senhor é a rocha. Por outro lado, obedecer significa ouvir. Fala-se da paternidade divina, como escreveu Bento XVI, não como resultado do paternalismo ou do acaso, mas “em alguém que pensou em mim” e a quem posso chamar Abba. Os dois filhos do Pai misericordioso tiveram, de uma forma ou de outra, de redescobrir o seu Deus Pai e Ele os recria (cf. Lc 15, 11-31).

A meditação da tarde foi dedicada à imitação de Jesus centrada na vida de Nazaré. O Irmão Carlos escreverá que “o amor tem seu maior efeito na imitação”. O melhor exemplo é o próprio Jesus Cristo que se aproximou no mistério da Encarnação, assumindo tudo o que é nosso exceto o pecado e tornando-se um como nós (cf. trabalhou com segurança em Séforis ou nos seus arredores) e dignificou a humanidade, por vezes caída. (cf. os endemoninhados de Gerasa Mc 5,1-20) em exemplos tão significativos como a instituição da Eucaristia e o lava-pés. O amor de Jesus Cristo é extremo (cf. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” Jo 15, 13. Ver sacrifício de Isaac Gn 22, 1-19). Nada se compara à doação de Jesus Cristo na Eucaristia (cf. expressão de Charles de Foucauld sobre a “irradiação eucarística”). Queremos seguir Jesus Cristo? Configuremo-nos com ele, imitámo-lo.

A noite de terça-feira, das 22h às 8h30 do dia seguinte, foi dedicada à adoração eucarística, estando com o Senhor em grupos para encerrar com as louvores do dia.

Terceiro dia, quarta-feira, 23

Nesta ocasião a frase proposta como fio condutor das meditações do dia foi: “Naquele tempo Jesus apareceu e disse-lhes: Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova a toda a criação” (São Marcos 16,15).

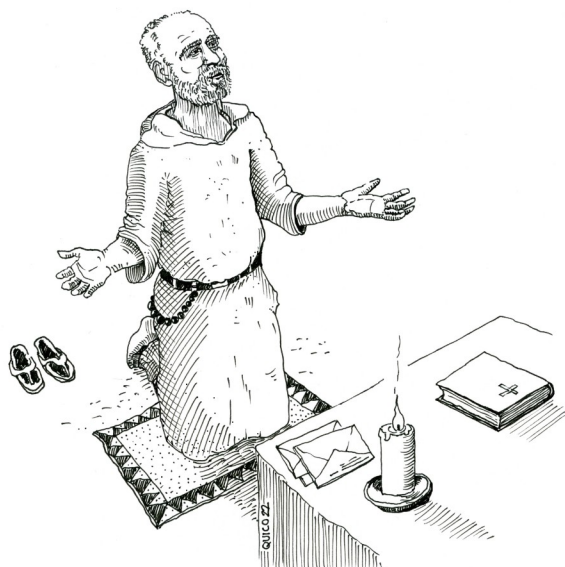
A meditação matinal girou em torno de Deus Espírito Santo e da afirmação “Creio no Espírito Santo, Senhor e doador da vida”. Deus é único, mas não solitário (cf. ícone de A. Rubleiv, século XV). O mistério e a missão da Igreja são mantidos pelo Espírito Santo, ele é fonte de esperança (Ez 37, 5: “Derramarei sobre vós o meu espírito e vivereis”). Quando falta esperança, a missão é automaticamente desativada (cf. Ato 16: “Ele nos guia no meio da contradição e do fracasso”). O apostolado da bondade é um grande serviço à missão, pois “não somos um resíduo, mas um resto”. Quando trabalhamos com consciência do “desperdício” não entusiasmos ninguém. A Igreja é reavivada pela ação do Espírito Santo com os dons e carismas (cf. santos reformadores do século XVI) que devem ser colocados ao serviço dos irmãos com verdadeira paixão para alcançar a unidade (cf. cartas de Santo Inácio de Antioquia) e isso implica ao mesmo tempo deixarmos levar pelos seus movimentos, nem que seja para “desobstruir” o caminho (cf. itinerário espiritual do Irmão Carlos).



A tarde de quarta-feira foi dedicada à apresentação das Bem-aventuranças que, embora espalhadas pelos Evangelhos, em São Mateus e São Lucas as encontramos reunidas em duas coletâneas, vão além desses textos que são referência ao Evangelho. Somos abençoados porque Deus nos olha com misericórdia. É a radiologia do coração de Cristo (leitura cristológica) e, ao mesmo tempo, são passos que nos conduzem à vida eterna (leitura antropológica. Cf. São Leão Magno). Devemos seguir o caminho estreito (cf. Mt 7,14) para chegar à felicidade, evitando procurar água doce em cisternas rachadas (Jr 2,13).

A bem-aventurança da pobreza baseia-se na providência divina que nos faz sentir pobres diante de Deus (cf. “tem piedade de mim, pecador” Lc 18, 9-14) e amar os pobres, o que se reflecte na partilha da sua vida e das suas esperanças através deixá-los comer (cf. P. A. Chevrier, fundador do Prado), amar a pobreza (cf. Mt 10), ser misericordiosos como o Pai, educar o olhar e pôr o coração em sintonia com os outros (cf. Lc 6,36). Misericórdia olha a ferida para curá-la: “Passei ao seu lado e te disse, viva!” (Ez 16,6-12); A misericórdia manifesta-se na recreação, no início de novo: “Tens compaixão de todos porque podes fazer tudo” (Sabedoria 11,23). A misericórdia exige um itinerário, um caminho de educação da nossa sensibilidade (cf. Lc 10, 25-37). Um exemplo de vida: uma mulher oferece-se para cuidar dos doentes e idosos da sua comunidade. Eles a aceitam e como primeira colaboração a mandam entregar um pacote a uma velha. Entregada a encomenda, a idosa abre a caixa e olha o casaco que pediu à paróquia para se proteger do frio. Ele havia sido colocado sem cerimônia na caixa e estava extremamente enrugado. A senhora que a recebeu ficou triste quando olhou para a roupa e a encontrou em tão lamentável estado. O intermediário paroquial percebeu a decepção da velha sem saber ao certo por que era devido. Ela ficou surpresa. Ela saiu daquela casa pensativa e de cabeça baixa. Deixando-se levar pelo coração, foi a uma floricultura comprar algumas flores com a intenção de levá-las para a velha. A surpresa daquela mulher que vivia na solidão foi grande quando voltou a abrir a porta e encontrou a senhora da freguesia que trazia nas mãos um ramo de rosas. Ao receber o presente, ela exclamou com sentimento e ternura: “Na verdade, o casaco era o que eu precisava para me proteger do frio, mas o que realmente esperei a vida toda é esse detalhe de carinho que agora recebo com essas flores.”

A pessoa mansa é aquela em quem você pode confiar. A Escritura dá Moisés como exemplo de mansidão (cf. Nm 12). O Evangelho apresenta Jesus Cristo como um novo Moisés (forte, manso, pastor, cordeiro,...) que conduz o povo (Jo 10) com força e sem arestas, vencendo o mal pela força do bem (cf. Rm 12, 21). ; 1 Pedro 2,23), mesmo quando, se necessário, se sofre com a Igreja nas suas imperfeições (cf. 1 Ped 3,822).



“Quem assume o ofício de pai aprende a chorar” na frase de São João de Ávila (Obras Completas do Santo Mestre São João de Ávila, TV, BAC, p. 20). Um exemplo paradigmático de choro inconsolável é o do santo Jó. As lágrimas manifestam os nossos sofrimentos na tarefa de sermos construtores de paz. As lágrimas espontâneas fluem quando nos concentramos mais no que nos une do que nas coisas que nos separam, usando a ferramenta do perdão para quebrar a espiral da violência. Lembra-nos a sabedoria africana nos seus provérbios que “Nenhum soldado atiraria em outro se olhasse para o seu rosto”. Para continuar no verdadeiro ensinamento: «Olhei de longe e parecia uma árvore. Olhei para ele de perto e ele parecia um homem. "Eu o sentei na minha mesa e ele parecia meu irmão." Toda uma tarefa que temos diante de nós e que, muitas vezes, consiste em “desarmar a palavra” para evitar

todo tipo de duplicidade, colocando coerência, retidão de intenção e limpeza de afetos em nossas pobres vidas.

O dia do deserto começa com a pequena introdução da noite que, como escreveria Ernesto Cardenal em sua coleção de poemas salmos, “mesmo no meu inconsciente eu te abençoo, Senhor”. Coletamos as pistas para reflexão para o dia do deserto nas seções seguintes como perguntas:

- 1 O dia do deserto é um dia para Deus tomar consciência de que Ele é o ar que respiramos e na beleza e harmonia da criação está a Sua mão criadora “que faz nascer o sol para os bons e os maus,...” (Mt 5, 45-48).
- 2 Como São Francisco de Assis diante de São Damião crucificado, sentimos a necessidade de seguir o Senhor com todas as nossas forças e sentimos dor pela Igreja. Ouçamos num clima de silêncio e oração como podemos ajudar a restaurar a nossa Igreja. Sem dúvida, devemos começar por nós mesmos para que a partir da experiência de Deus injetemos a Boa Nova do Evangelho no nosso mundo. Que notas tem para nós a vida de Nazaré e a que implicações pastorais nos conduz?
- 3 O Irmão Carlos foi um itinerante em sentido pleno que nunca teve medo da mudança devido à sua atitude permanente de busca. Ao mesmo tempo, sempre foi muito exigente consigo mesmo. No silêncio do deserto, mais uma vez nos perguntamos: Senhor, o que queres de mim? Que passos queres que eu dê na minha vida cristã e sacerdotal?
- 4 É aconselhável repensar de vez em quando como devemos traduzir a vida de Nazaré nas nossas vidas como sacerdotes diocesanos seculares. Nazaré é um guia na minha vida quotidiana, no meu modo de viver, nas minhas relações, na minha tarefa de obreiro do Evangelho,...? Seria de grande interesse concretizar ou valorizar o projeto de vida a partir da espiritualidade de Nazaré.

- 5 Durante o dia é aconselhável levar ao coração as bem-aventuranças e revê-las com carinho, despertando em nós o desejo de imitá-las.
- 6 Ao longo do dia lembremo-nos diante do Senhor dos rostos que vemos todos os dias e rezemos uns pelos outros.

Quarto dia, quinta-feira, 24. Deserto. Sacramento da Penitência

Quinto dia, sexta-feira, 25

A frase proposta pelo diretor ao final das laudes: “Eu sou Jesus a quem vocês perseguem”. Atos 9/5. Jesus identificou-se com a sua Igreja. O retiro não termina assim como o mundo não termina nas suas relações e preocupações. A meditação centra-se no artigo do Credo que se refere à fé na Igreja que, na expressão dos Santos Padres, é semelhante à lua porque não tem luz própria, mas sim recebe-a do sol.

Devemos estimular um olhar sobre a Igreja que não se limite apenas aos dados sociológicos, mas que nos conduza a um olhar profundo de fé. A morte de Jesus, “inclinando a cabeça, expirou” (cf. Jo 19,30), faz nascer do seu lado a Igreja e João acolhe Maria na sua casa, o que significa que a acolhe como sua (19 :26 -27).

O Irmão Carlos viverá tentando ser um irmão universal com a convicção de que os irmãos não se escolhem, eles se encontram. Um bom irmão é alguém que leva os outros a sério, aceita quem eles são e se oferece para crescer juntos. A nossa fraqueza fraterna torna-se medo de ser irmão universal sem excluir nem descartar ninguém e se concretiza nas pessoas mais próximas de nós, nas nossas paróquias e nos locais de trabalho comuns onde é difícil deixarmos de ser pais para nos tornarmos irmãos. Devemos evitar a tentação de nos preocuparmos em ver o que os outros fazem por mim e tentar nos perguntar o que cada um de nós faz pelos outros. A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é uma esplêndida reflexão sobre o nosso compromisso missionário realizado com alegria.

A Virgem Maria é a mãe da Igreja. Ela é a primeira discípula, a discípula perfeita porque: “escutou e cumpriu” (Lc 11,27-28). Ela nos conduz a Jesus Cristo e marca a meta final do caminho. Ele se propõe a servir (Lucas 1:39-46); na alegria sabe estar atenta para detectar necessidades difíceis de detectar na felicidade (Jo 2,1-11); na dor ele é forte, próximo à cruz *stabat mater* (Jo 19,25). A sua vida, como a de toda mãe, está ligada ao Filho: «Fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo 2, 5).



Jesus
+
CARITAS

Manuel POZO OLLER